



**Professora:** Luciane Ribas de Andrade ([Luciane-randrade@educar.rs.gov.br](mailto:Luciane-randrade@educar.rs.gov.br))

Área de Linguagens

**Nome do(a) aluno(a):** \_\_\_\_\_

**Turma:** \_\_\_\_\_

**EJA**

**Disciplina:** Literatura Brasileira

**Turmas:** 80 e 81 – **totalidade 8**

**Atividades de novembro/2020.**

## LITERATURA BRASILEIRA

### Atividade 1 – 1ª quinzena de novembro

→ **PESSOAL** → seguiremos nossos estudos no Romantismo. No material da EJA (LIVRO) – para quem tem o livro – está na pág. (188-190). O Romantismo teve sua lírica – já vista por nós – e sua **prosa. Vamos a ela!**

→ A **prosa ultrarromântica** brasileira: “**Noite na taverna**”, texto de Álvares de Azevedo.

II

### SOLFIERI

...Yet one kiss on your pale clay  
And those lips once so warm — my heart! my heart!  
*Cain. Byron*

Sabei-lo. Roma é a cidade do fanatismo e da perdição: na alcova do sacerdote dorme a gosto a amásia, no leito da vendida se pendura o Crucifixo lívido. É um requintar de gozo blasfemo que mescla o sacrilégio à convulsão do amor, o beijo lascivo à embriaguez da crença!

Era em Roma. Uma noite a lua ia bela como vai ela no verão pôr aquele céu morno, o fresco das águas se exalava como um suspiro do leito do Tibre. A noite ia bela. Eu passeava a sós pela ponte de...

As luzes se apagaram uma por uma nos palácios, as ruas se faziam ermas, e a lua de sonolenta se escondia no leito de nuvens. Uma sombra de mulher apareceu numa janela solitária e escura. Era uma forma branca. — A face daquela mulher era como a de uma estátua pálida à lua. Pelas faces dela, como gotas de uma taça caída, rolavam fios de lágrimas.

Eu me encostei a aresta de um palácio. A visão desapareceu no escuro da janela... e daí um canto se derramava. Não era só uma voz melodiosa: havia naquele cantar um como choro de frenesi, um como gemer de insânia: aquela voz era sombria como a do vento a noite nos cemitérios cantando a nênia das flores murchas da morte.

Depois o canto calou-se. A mulher apareceu na porta. Parecia espreitar se havia alguém nas ruas. Não viu a ninguém: saiu. Eu segui-a.

A noite ia cada vez mais alta: a lua sumira-se no céu, e a chuva caía as gotas pesadas: apenas eu sentia nas faces caírem-me grossas lágrimas de água, como sobre um túmulo prantos de órfão.

Andamos longo tempo pelo labirinto das ruas: enfim ela parou: estávamos num campo.

Aqui, ali, além eram cruzeiros que se erguiam de entre o ervaçal. Ela ajoelhou-se. Parecia soluçar: em torno dela passavam as aves da noite.

Não sei se adormeci: sei apenas que quando amanheceu achei-me a sós no cemitério. Contudo a criatura pálida não fora

uma ilusão: as urzes, as cicutas do campo-santo estavam quebradas junto a uma cruz.

O frio da noite, aquele sono dormido à chuva, causaram-me uma febre. No meu delírio passava e repassava aquela brancura de mulher, gemiam aqueles soluços e todo aquele devaneio se perdia num canto suavíssimo...

Um ano depois voltei a Roma. Nos beijos das mulheres nada me saciava: no sono da saciedade me vinha aquela visão...

Uma noite, e após uma orgia, eu deixara dormida no leito dela a condessa Bárbara. Dei um último olhar àquela forma nua e adormecida com a febre nas faces e a lascívia nos lábios úmidos, gemendo ainda nos sonhos como na agonia voluptuosa do amor. Saí. Não sei se a noite era límpida ou negra; sei apenas que a cabeça me escaldava de embriaguez. As taças tinham ficado vazias na mesa: nos lábios daquela criatura eu bebera até a última gota o vinho do leite...

Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num caixão entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados... Era uma defunta! ... e aqueles traços todos me lembraram uma ideia perdida. — Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do caixão. Pesava como chumbo...

Sabeis a história de Maria Stuart degolada e o algoz, "do cadáver sem cabeça e o homem sem coração" como a conta Brantôme? — Foi uma ideia singular a que eu tive. Tomei-a no colo. Preguei-lhe mil beijos nos lábios. Ela era bela assim: rasguei-lhe o sudário, despi-lhe o véu e a capela como o noivo as despe a noiva. Era mesmo uma estátua: tão branca era ela. A luz dos tocheiros dava-lhe aquela palidez de âmbar que lustra os mármore antigos. O gozo foi fervoroso — cevei em perdição aquela vigília. A madrugada passava já frouxa nas janelas. Àquele calor de meu peito, à febre de meus lábios, à convulsão de meu amor, a donzela pálida parecia reanimar-se. Súbito abriu os olhos empanados. Luz sombria alumiu-os como a de uma estrela entre névoa, apertou-me em seus braços, um suspiro ondeou-lhe nos beijos azulados... Não era já a morte: era um desmaio. No aperto daquele abraço havia contudo alguma coisa de horrível. O leito de lájea onde eu passara uma hora de embriaguez me resfriava. Pude a custo soltar-me daquele aperto do peito dela... Nesse instante ela acordou...

Nunca ouvistes falar da catalepsia? É um pesadelo horrível aquele que gira ao acordado que emparedam num sepulcro; sonho gelado em que sentem-se os membros tolhidos, e as faces banhadas de lágrimas alheias sem poder revelar a vida!

A moça revivia a pouco e pouco. Ao acordar desmaiara. Embucei-me na capa e tomei-a nos braços coberta com seu sudário como uma criança. Ao aproximar-me da porta tepeu num corpo; abaixei-me, olhei: era algum coveiro do cemitério da igreja que aí dormira de ébrio, esquecido de fechar a porta.

Saí. Ao passar a praça encontrei uma patrulha.

— Que levais aí?

A noite era muito alta: talvez me cressem um ladrão.

— É minha mulher que vai desmaiada...

— Uma mulher!... Mas essa roupa branca e longa? Serás acaso roubador de cadáveres?

Um guarda aproximou-se. Tocou-lhe a fronte: era fria.  
 — É uma defunta...  
 Cheguei meus lábios aos dela. Senti um bafejo morno. — Era a vida ainda.  
 — Vede, disse eu.  
 O guarda chegou-lhe os lábios: os beijos ásperos roçaram pelos da moça. Se eu sentisse o estalar de um beijo... o punhal já estava nu em minhas mãos frias...  
 — Boa noite, moço: podes seguir, disse ele.  
 Caminhei. — Estava cansado. Custava a carregar o meu fardo; e eu sentia que a moça ia despertar. Temeroso de que ouvissem-na gritar e acudissem, corri com mais esforço.  
 Quando eu passei a porta ela acordou.  
 O primeiro som que lhe saiu da boca foi um grito de medo...

Mal eu fechara a porta, bateram nela.  
 Era um bando de libertinos meus companheiros que voltavam da orgia. Reclamaram que abrisse.  
 Fechei a moça no meu quarto, e abri.  
 Meia hora depois eu os deixava na sala bebendo ainda. A turvação da embriaguez fez que não notassem minha ausência.  
 Quando entrei no quarto da moça vi-a erguida. Ria de um rir convulso como a insânia, e frio como a folha de uma espada. Trespassava de dor o ouvi-la.

Dois dias e duas noites levou ela de febre assim... Não houve como sanar-lhe aquele delírio, nem o rir do frenesi. Morreu depois de duas noites e dois dias de delírio.

A noite saí; fui ter com um estatuário que trabalhava perfeitamente em cera, e paguei-lhe uma estátua dessa virgem.

Quando o escultor saiu, levantei os tijolos de mármore do meu quarto, e com as mãos cavei aí um túmulo. Tomei-a então pela última vez nos braços, apertei-a a meu peito muda e fria, beijei-a e cobri-a adormecida do sono eterno com o lençol de seu leito. Fechei-a no seu túmulo e estendi meu leito sobre ele.

Um ano — noite a noite — dormi sobre as lajes que a cobriam. Um dia o estatuário me trouxe a sua obra. Paguei-lha e paguei o segredo...

— Não te lembras, Bertram, de uma forma branca de mulher que entreviste pelo véu do meu cortinado? Não te lembras que eu te respondi que era uma virgem que dormia?

— E quem era essa mulher, Solfieri?

— Quem era? seu nome?

— Quem se importa com uma palavra quando sente que o vinho lhe queima assaz os lábios? quem pergunta o nome da prostituta com quem dormia e que sentiu morrer a seus beijos, quando nem há dele mister por escrever-lho na lousa?

Solfieri encheu uma taça e bebeu-a. Ia erguer-se da mesa quando um dos convivas tomou-o pelo braço.

— Solfieri, não é um conto isso tudo?

— Pelo inferno que não! por meu pai que era conde e bandido, por minha mãe que era a bela Messalina das ruas, pela perdição que não! Desde que eu próprio calquei aquela mulher com meus pés na sua cova de terra, eu vô-lo juro — guardei-lhe como amuleto a capela de defunta. Ei-la!

Abriu a camisa, e viram-lhe ao pescoço uma grinalda de flores mirradas.

—Vede-la murcha e seca como o crânio dela!

→Este texto é o 2º conto de **“Noite na Taverna”**, ele contém muitas características da 2ª fase romântica.

A obra usa um artifício interessante: Jovens, reunidos em uma taverna suja e mal iluminada, são servidos de vinho por uma taverneira. Pelos cantos mulheres embriagadas dormem – cada um deles, movidos pelo álcool, irá contar suas situações “densas” de vida. Movidos pela curiosidade, todos escutam a história a ser narrada. A história acima é narrada por “Solfieri”. Os títulos dos contos serão os nomes dos narradores. As histórias se passam na Europa.

Após a leitura do conto, faça as atividades que seguem.

- 1) O ULTRARROMANTISMO é marcado pelo clima de um amor EXACERBADO. EXPLIQUE como isso se dá no conto.
- 2) Retire exemplo de SUBJETIVIDADE.
- 3) Onde se passa a história contada por “Solfieri” – qual seu espaço?
- 4) O ponto alto do conto – o seu clímax – acontece quando. Explique.
- 5) Procure no dicionário e copie o significado de “necrofilia”. Isso acontece no conto? EXPLIQUE.
- 6) Retratar momentos típicos de 2ª geração: a presença de álcool.
- 7) “Solfieri”, o narrador, dá provas do que aquilo que conta realmente aconteceu. O que ele tem e mostra que guardou como lembrança?

## Atividade 2 – 2ª quinzena de novembro

→A prosa do Romantismo apresenta-nos OBRAS PRIMAS: **“Iracema”** (livro da EJA pág.188 – 190) e **“O guarani”**, de José de Alencar;

**“Memórias de um sargento de milícias”**, de Manuel Antônio de Almeida; **“A Moreninha”**, de Joaquim Manuel de Macedo e outros tantos autores e obras.

Leia-os, eles fazem parte do patrimônio Linguístico Nacional.

Aproveite esse momento de reclusão forçada.

### 1. Leia o fragmento da obra **“Iracema”**, de José de Alencar:

#### II

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa de graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da Jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-se o corpo a sombra da oiticica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho; o aljôfar d’água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz à selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra; sua vista perturba-se.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

O sentimento que ele pôs nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiraçaba, e correu para o guerreiro, sentida da mágoa que causara.

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida: deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

--- Quebras comigo a flecha da paz?

--- Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

--- Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

--- Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos do tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ática, 1995, p. 16-1

#### VOCABULÁRIO:

**Graúna:** pássaro de cor negra.

**Jati:** pequena abelha.

**Aljôfar:** gotas de água assemelhadas a pérolas muito miúdas.

**Ará:** periquito.

**Campear:** viver em acampamento.

**Crautá:** espécie de bromélia.

**Esparzir:** espalhar.

**Gará:** ave típica de áreas pantanosas.

**Ignoto:** desconhecido.

**Ipu:** região de terra bastante fértil.

**Juçara:** palmeira de grandes espinhos.

**Lesto:** rápido, ágil.

**Oiticica:** árvore frondosa.

**Quebrar a flecha:** maneira simbólica de estabelecer a paz entre indígenas.

**Rorejar:** molhar com pequenas gotas como o orvalho.

**Uiraçaba:** estojo próprio para guardar e transportar flechas.

**Uru:** cesto em que se guardam objetos

## 2. Responder:

**2.1 No capítulo lido, a personagem principal é apresentada ao leitor. Escreva algumas características dessa personagem:**

- a) Características físicas:
- b) Habilidades (o que sabe fazer):

**2.2 Localize no texto os parágrafos referentes:**

- a) à situação inicial:

b) à desestabilização da situação inicial:

c) à volta a uma situação estável:

**2.3 Ao perceber a presença de um estranho na floresta, Iracema tem uma reação instintiva e atira uma flecha no “guerreiro branco”.**

- a) De acordo com o texto, por que o “guerreiro branco” não reagiu agressivamente ao “ataque” de Iracema?
- b) Como Iracema se sentiu logo depois de ter ferido o estranho? O que ela fez em seguida?

**2.4 O que o primeiro contato entre Iracema e Martim, o “guerreiro branco”, revela sobre:**

- a) O caráter das personagens:
- b) Um possível envolvimento amoroso entre as personagens:
- c) A visão do autor sobre a relação entre colonizador e nativo:

⇒ **Boa Atividade! Responda e envie para a escola.**